

Editorial

Julia Furia Costa

Com grande satisfação lançamos a vigésima edição da Revista “**Em Tempo de Histórias**” do corpo discente da Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), sob o acompanhamento de um novo corpo editorial. Primeiramente agradecemos a todos que participaram desta edição: pareceristas, funcionários do PPGHIS e BCE e todos os autores que encaminharam artigos para submissão nesta edição.

Esta edição da Revista procurou trazer para o debate historiográfico questão presente em nosso dia a dia – a relação entre história e os direitos humanos. Em um contexto nacional de debates em torno da corrupção na política, comissão da verdade, direitos ambientais, entre outros, o historiador não pode se silenciar. E é com esta intenção, a de apresentar os diversos aspectos existentes nesta relação, que o presente dossiê foi proposto. Apresentado pela Prof^a. Dr^a. Lucília Neves Delgado, o dossiê traz uma sequência de seis artigos de diferentes abordagens desta relação.

Além dos artigos do dossiê temático apresentamos quatro artigos com os diferentes temas, mostrando as diversas formas possíveis da escrita da história. Primeiramente artigo de Cleiton Neves e Amélia Cardoso, “A identidade do ‘Outro’ colonizado à luz das reflexões dos estudos Pós-Coloniais” que aborda as formas pela qual o teóricos como Homí.K.Bhabha, Frantz Fanon, Albert Memmi, V.S Naipaul, dentre outros intelectuais do grupo denominado pós-colonialismos procuram estudar a imagem do “outro” do “colonizado”, principalmente por meio do uso da literatura escrita durante e após o período conhecido como neocolonialismo.

Em seguida trazemos artigo de Liliane Carijo – “Frei Caneca na historiografia: da questão nacional ao revisionismo” – que apresenta ao leitor as diversas narrativas desenvolvidas a partir da imagem/representação da figura de Frei Caneca. A partir de sua análise acerca da historiografia produzida em torno da figura do frei pernambucano, a autora aborda as diversas contribuições realizadas ao campo historiográfico, como a questão da formação do nação brasileira e a construção(ões) de identidade(s) nacionais em oposição a consolidação de autonomia local.

“A utopia nacionalista de Manoel Bomfim” de André Luiz de Souza Filgueira trata-se de um texto dedicado a compreensão da ideia de nação nas ideias de Manoel Bomfim, principalmente a partir da expressão “animo nacional” utilizada pelo pensador. O autor

propõe dialogar com as ideias de Manoel Bomfim “que conferem sustentação ao aparecimento do fenômeno nacional, amparado no amor à pátria” e comporá, assim, o Estado Nacional brasileiro, no século XIX.

Por último, o artigo “As semanas de anos para expiação do Templo Judaico” e o “chifre que proferia blasfêmias”: A interpretação romanizante da “quarta besta” de Dn” por Jerônimo” de Diego Lopes da Silva que apresenta apropriação cristã feita ao quatro idades do mundo, do livro de Daniel. O artigo procura apresentar como se deu a apropriação do livro bíblico de Daniel em um novo contexto sociocultural pelos cristãos, de xx, a fim de gerar expectativa em torno de um novo retorno do Messias e “inserir Roma como a monarquia mais terrível e temível de todas”.

Além dos artigos, esta edição apresenta a análise crítica de duas obras da historiografia internacional. Primeiramente a análise de Êça Pereira da Silva acerca da obra “Guerra y democracia: los militares peruanos y la construcción nacional”, do historiador peruano Eduardo Toche Medrano, que dialoga com os artigos apresentados como parte do dossiê desta edição da Revista. A obra de Medrano foi escrita após a conclusão dos trabalhos da Comissão da Verdade e Reconciliação que investigaram os crimes cometidos durante os vinte anos de combate às guerrilhas no Peru (1980-2000).

Apresentamos, também, a análise feita por Mateus Dagios – “As ruínas e a modernidade” – do livro “The Nation and its Ruins: Antiquity, Archaeology, and National Imagination in Greece”, de Yannis Hamilakis, que se propõe estudar as relações entre Antiguidade clássica e imaginário nacional, dentro da perspectiva dos “usos políticos do passado” propostos por François Hartog e Jacques Revel.

Boa Leitura!